

BARTER TRADE

Grãos viram moeda na Expointer

Produtores utilizam nova modalidade de compra para a aquisição de veículos na feira

Diego Nuñez
economia@jornaldocomercio.com.br

A nova modalidade de aquisição de veículos a partir de grãos já começa a despertar a atenção de produtores rurais na Expointer. O sistema, conhecido como barter trade, foi lançado em 31 de agosto e pretende se concretizar como uma modalidade oficial durante esta 44ª edição da feira.

A técnica consiste na troca de grãos para a aquisição de veículos. Produtores gaúchos de soja, milho, trigo e arroz fornecem uma determinada quantidade de grãos que chegue ao preço do veículo desejado das montadoras Fiat, Jeep, Ram, Peugeot e Citroën.

Quem chega aos estandes destas marcas no Parque Assis Brasil, em Esteio, a procura de veículos para utilizar nas lavouras ou mesmo para uso pessoal, fica surpreso com a nova possibilidade.



Cinco montadoras na feira aceitam a produção de soja, milho, trigo e arroz como forma de pagamento

"O produtor fica surpreso. Chegam e falam: "poxa, posso trocar por carro?". Para eles é uma novidade. Somos a primeira montadora que traz essa novidade ao Estado", relata a gerente de vendas diretas da Stellantis, Pâmela Grazioli.

A possibilidade surgiu a partir

de uma parceria realizada entre o grupo automotivo Stellantis e a Agrofel Grãos e Insumos. A Agrofel faz a ponte entre o produtor, que quer adquirir o veículo, e o grupo automotivo, que deseja vendê-lo.

"A avaliação do agricultor foi muito positiva. Logo após o

lançamento, muitos vieram nos elogiar por usar a ferramenta deles, que é o grão. No dia seguinte mesmo já começamos a fechar os primeiros negócios", relata o diretor comercial da Agrofel, Roni Ferrarin.

Positiva também é a avaliação da Stellantis. "A nossa percepção

é boa. Alguns produtores chegam para perguntar como funciona, e nós explicamos. Se não pergunta, a gente apresenta a campanha", contou Pâmela. Segunda ela, a maioria fica interessada e, no mínimo, considera como uma opção de aquisição para futuro.

Este era, mesmo, o objetivo da Stellantis e da Agrofel. Tornar a modalidade que agora é disponibilizada de forma oficial durante a feira. Em 2021, com uma exposição que acontece durante uma pandemia e com o limite de capacidade máxima no parque, o público da Expointer está mais focado, essencialmente voltado aos negócios.

"A ideia foi realmente usar Expointer para popularizar. Para ser a grande engajadora massiva dessa parceria", afirmou a gerente de vendas diretas.

Esse engajamento já tem gerado resultados. Ainda não há números consolidados. Mas, antes da feira, negócios foram fechados em Porto Alegre, Santa Maria e Santiago. Durante a Expointer, existem pelo menos três negociações grandes, envolvendo mais de um veículo, em andamento.

AGROINDÚSTRIA

Selos para produção e revenda da cachaça artesanal estão regulamentados

Desenvolvidos para impulsionar a cachaça artesanal gaúcha, os selos estaduais de produção e revenda da bebida produzida pela agricultura familiar sairão do papel. Na 44ª Expointer, o governador Eduardo Leite assinou o decreto que regulamenta a Lei Estadual 15.551, de 12 de novembro de 2020, que cria os selos e o Programa Estadual de Incentivo à Cachaça da Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul. No ato, o Badesul também fez o lançamento de uma linha de crédito para apoiar os produtores rurais.

"Estamos falando sobre dar maior segurança política, a condição de certeza de qual é o caminho que deve ser percorrido para que essa cachaça artesanal esteja própria para o consumo e para a venda, tanto do ponto de vista sanitário como dos crité-

rios específicos de produção. Desejamos que a qualidade do que produzimos seja reconhecida, dando mais segurança para quem produz e para quem consome, e para assim darmos mais oportunidades de geração de emprego e renda, especialmente entre os pequenos produtores", destacou o governador.

A lei reconhece como Cachaça Artesanal Gaúcha aquela elaborada com o mínimo de 50% de cana-de-açúcar colhida no imóvel rural do agricultor familiar no RS e na quantidade máxima de 20 mil litros anuais. Além disso, a elaboração, a padronização e o envasilhamento da cachaça devem ser feitos exclusivamente na propriedade, sob a supervisão de responsável técnico habilitado.

A comercialização da Cachaça Artesanal Gaúcha deve ser

realizada diretamente com o consumidor final, na propriedade rural onde foi produzida, em estabelecimentos mantidos por associação ou cooperativa de produtores rurais, em feiras da agricultura familiar ou em estabelecimentos comerciais detentores do Selo de Revenda da Cachaça Artesanal.

Para a obtenção dos Selos Estaduais da Cachaça da Agricultura Familiar e de Revenda da Cachaça Artesanal, o produtor deverá realizar a inscrição de seu produto na Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural, mas o registro da Cachaça Artesanal Gaúcha é atribuição do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, nos termos da legislação federal.

Defensor da iniciativa, o presidente da Assembleia, deputado



O registro do selo é uma atribuição do Ministério da Agricultura

Gabriel Souza, destacou a importância do ato. "São políticas públicas que resolvem uma série de questões que impediam os produtores de se regularizarem", explicou Souza.

Durante o ato, também foi lançado o programa Badesul - Cachaça Gaúcha, uma parceria do banco de desenvolvimento

com a Emater e a RS Garanti - Associação Garantidora de Crédito, com objetivo de oferecer uma linha de crédito aos produtores rurais para que possam construir, ampliar e/ou modernizar sua agroindústria, tendo condições de obter o selo e agregar renda nas propriedades familiares.